

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE
GEOGRAFIA**

FERNANDO MAZARIN BAKANOVAS

Futebol de várzea: o lugar da cultura em dois tempos

Floodplain soccer: the place of culture in two times

SÃO PAULO 2021

Fernando Mazarin Bakanovas

N. USP: 8031994

Futebol de várzea: o lugar da cultura em dois tempos

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Bacharelado em Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Area de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Dr. Rodrigo Ramos Hospodar
Felippe Valverde.

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Bf Bakanovas, Fernando Futebol de várzea: o
 lugar da cultura em dois tempos / Fernando
 Bakanovas; orientador Rodrigo Valverde -
 São Paulo, 2021.
 47 f.

 TGI (Trabalho de Graduação
 Individual)- Faculdade de Filosofia,
 Letras e Ciências Humanas da
 Universidade de São Paulo.
 Departamento de Geografia.

 1. . 3. Geografia Cultural. I.
 Valverde, Rodrigo, orient. II.
 Título.

Bakanovas, Fernando. **Futebol de várzea:** o lugar da cultura em dois tempos. Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Pai Angelo, minha mãe Luci e meu irmão Alexandre por todo amor, carinho e oportunidades que puderam me oferecer. Agradeço também a todos os professores e, em especial, ao professor Rodrigo Valverde, por todas as conversas e ajuda.

“A persistência é o caminho do êxito!”

(Charles Chaplin)

RESUMO

BAKANOVAS, F.M. **Futebol de várzea: o lugar da cultura em dois tempos.** Monografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.

O objetivo da monografia foi realizar uma breve reflexão sobre o desenvolvimento do lugar do "futebol de várzea" na cidade de São Paulo. Mais precisamente, buscamos entender, a partir do fenômeno futebol na cultura da sociedade brasileira, sua manifestação e organização no bairro Cidade Kemel, lar do SE CANARINHO, nosso objeto de estudo, que ainda mantém vivo o futebol de várzea. Para este estudo, escolheu-se a cidade de São Paulo por se tratar de um dos maiores centros econômicos do país e que ainda mantém um papel importantíssimo no cenário futebolístico nacional, contando com clubes de muita tradição e, aos finais de semana, é tomada por milhares de anônimos, tanto praticantes, como simples espectadores desta modalidade. Em um primeiro momento, foi contada um pouco da trajetória do futebol, desde sua criação até o surgimento como esporte na sociedade moderna. Após isso, identificou-se o futebol na cultura popular brasileira, da sua origem elitista à recriação nos campos de várzea. Por último, destacamos com o estudo de caso mostrando o dia a dia de um clube de várzea, relacionando-o com a sociedade a sua volta e suas dificuldades em se manter ativo atualmente.

Palavras-Chave: futebol de várzea, SE CANARINHO, lugar, São Paulo.

ABSTRACT

BAKANOVAS, F.M. **Floodplain soccer**: the place of culture in two times. Monograph. Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, 2021.

The aim of the monograph was to make a brief reflection on the development of the place of Floodplain soccer in the city of São Paulo. More precisely, we seek to understand, from the football phenomenon in the culture of Brazilian society, its manifestation and organization in the neighborhood Cidade Kemel, home of SE CANARINHO, our object of study, which still keeps lowland football alive. For this study, the city of São Paulo was chosen because it is one of the largest economic centers in the country and that still maintains a very important role in the national football scene, with clubs of great tradition and, on weekends, is taken by thousands of anonymous, both practitioners and simple spectators of this modality. At first, a little of the trajectory of football was told, from its inception to the emergence as a sport in modern society. After that, football was identified in Brazilian popular culture, from its elitist origin to recreation in the lowland fields. Finally, we highlight with the case study showing the day-to-day life of a lowland club, relating it to the society around it and its difficulties in staying active today.

Keywords: Floodplain soccer, SE CANARINHO, place, São Paulo.

SUMÁRIO

Introdução	10
1 O lugar do futebol no Brasil	13
1.1 Aquecimento: O lugar do Futebol.....	15
2. Primeiro tempo: A várzea como um lugar	18
2.1. “Futebol de Várzea”, o amadorismo em São Paulo e suas questões sociais	23
3. O SE Canarinho e a várzea viva em São Paulo	25
Considerações finais	36
Referências Bibliográficas	37
Apêndice A Entrevista Lucivan	39
Anexo A Autorização	47

Introdução

O futebol atual tem sua origem na Inglaterra, no século XIX. A partir deste momento, regras foram criadas e padronizadas, e o jogo amador passou pelo processo de profissionalização em meados da década de 1880. Os clubes passaram então a possuir uma estrutura organizada em torneios, com premiações e salários sendo pagos. Alguns dos primeiros clubes ingleses profissionais ainda estão presentes na atual liga inglesa, como Liverpool e Manchester United, dois dos maiores clubes de futebol do mundo.

Paralelamente, no início do século XX, os bairros em São Paulo se formavam de acordo com um processo de industrialização com notável influência inglesa; ou seja, a modernização do espaço incluiu novos atores na paisagem paulista, como indústrias, novos meios de transporte e entre outras, as vilas operárias próximas as fábricas. Estes bairros, nas palavras de Seabra (2008, 1987) são “caracterizados por uma unidade orgânica de vida, um em si, que aparecia como uma comunidade de bairro”. Este sentimento de unidade teria levado ao bairrismo, entendido como fruto de uma identidade de bairro autoatribuída. Nesta perspectiva, o futebol surgiria como forma de diálogo entre os diversos bairros na São Paulo do início do século XX, pois era um evento que envolvia toda a comunidade, e no qual, em dias de jogos, havia festas, música, brincadeiras, que envolviam a todos. O fim da partida era acompanhado de um convite para o próximo jogo e, assim, a festa continuava. Os laços de intimidade e contato com o bairro tornavam o clube de várzea um importante lugar do cotidiano das classes populares brasileiras.

O futebol é um dos esportes mais praticados no mundo. Para o povo brasileiro, ele supera a barreira do esporte profissional e entra no imaginário popular, se torna paixão, angústia, brincadeira, diversão e viver do qual o povo não é apenas consumidor, mas também é agente. As quatro linhas que representam o campo vão além da objetividade das regras esportivas, pois estas se misturam à sociedade ao seu redor, transformando-se num organismo vivo e

pulsante - em muitas famílias que vivem em países sofridos como o Brasil, o futebol representa a alegria de um povo que muitas vezes não tem o que pôr a mesa. Quando se pensa na história do futebol, uma das primeiras coisas que vêm à cabeça é o campo de jogo: o futebol de várzea é um fenômeno popular extremamente difundido e altamente praticado, principalmente em campos com pouca ou quase nenhuma grama, sem marcações, vestiários, refletindo muito o amor que a sociedade em geral e seus praticantes sentem pelo esporte amador que representa o futebol de várzea. Talvez pela própria simplicidade, o futebol prospere em relação a outros esportes surgidos no mesmo período, uma vez em que basta uma bola, ainda que improvisada, e uma área aberta para que seja reproduzido.

O processo, no entanto, não se encerra aí, uma vez que o futebol de várzea chamava atenção de clubes profissionais ao concentrar jogadores amadores. Ao passar dos anos, o futebol de várzea mudava de uma prática lúdica para um verdadeiro “celeiro” de craques profissionais. A dificuldade do terreno em que o futebol de várzea acontecia estimulava o futebol brasileiro envolvente e driblador, nossa maior característica. O futebol de várzea, desse modo, pode ser descrito, a princípio neste estudo, como um jogo de futebol num campo de terra batida e precário, onde seus atores recebem pequenas quantias (isso quando recebem) para praticá-lo, e no qual são organizados torneios e campeonatos entre os times, tudo de forma autônoma e com pouca participação governamental. O caráter localista do futebol de várzea atraía não apenas os jogadores, mas também familiares, vizinhos e fortalecia os laços de convivência.

Este estudo envolve o futebol amador na cidade de São Paulo, buscando tangenciar, a partir do fenômeno futebol, a cultura da sociedade brasileira e sua manifestação. É curioso notar que a várzea dos rios eram, mesmo antes da introdução do futebol no Brasil, lugares de lazer por parte da população. As famílias iam até as margens ou várzeas dos rios para nadar, pescar, o percorriam com canoas, faziam piqueniques e as crianças constantemente jogavam petecas e bola na sua margem. Porém, a principal atividade de lazer ligada ao rio foi a prática de esportes aquáticos e de lazer no rio por um bom tempo.

Boa parte dos clubes de várzea de São Paulo surgiu no entorno desses rios, os chamados clubes ribeirinhos como o Sport Club Germânia atual Clube Pinheiros, Clube Esperia Tietê, Clube Regatas Tietê. Estes clubes participavam

de competições de Remo e Natação, desenvolvidas principalmente no rio Tietê; além desses esportes aquáticos, surgiu o futebol de várzea nas áreas de alargamento do Tietê. Os rios, segundo relatos da época, início dos anos 1900, eram áreas extremamente agradáveis, arborizadas com figueiras, coqueiros, sem mau cheiro, ou seja, os rios Tietê e Pinheiros eram partes vivas da sociedade. Até meados do século XX, estes rios estabeleciam limites das áreas de maior concentração populacional da cidade e apresentavam valores imobiliários mais acessíveis.

Com o grande crescimento das cidades, a especulação imobiliária e o desenvolvimento industrial, foram diminuindo as áreas lazer da cidade. Os antigos campos de várzea foram, aos poucos, extinguindo-se, dando lugar às casas, prédios e indústrias. Hoje o futebol transformou-se praticamente em um ativo econômico, tendo sua prática associada aos grandes clubes como uma grande fonte de capital. Porém, tendo em vista em que os bairros com menor poder aquisitivo enfrentam dificuldades sociais e culturais devido à pequena presença do Estado, o futebol amador surge como mecanismo agregador da sociedade. Talvez por isso seja possível notar a sobrevivência do futebol amador nos dias de hoje, que, em sua grande parte, se apresenta nas periferias e locais de baixa renda. Muitos jogadores destes clubes amadores não conseguiram se profissionalizar; outros, são apenas amantes do esporte, sem pretensões de desenvolver uma carreira. De um modo ou de outro, é a grande interação com a sociedade que tem se mostrado essencial para a preservação destes times amadores, já que não possuem renda fixa ou patrocínios generosos.

Por esses motivos, o presente estudo pretende retratar esse universo de jogadores, mostrando as origens desse esporte que apaixona a todos, o fenômeno futebol na sociedade brasileira, o seu desenvolvimento, a manifestação e organização, chegando a uma análise do quadro atual em que se encontra no ambiente do “futebol de várzea”. O esporte está presente na vida das pessoas em diversos países, é assunto frequente em jornais, revistas, internet e demais meios de comunicação, no Brasil o futebol possui um grande espaço na mídia e nas conversas entre as pessoas. O futebol se tornou parte da cultura brasileira e perceptível na nossa paisagem, convívio social e no lazer da população.

1 O lugar do futebol no Brasil

O futebol no Brasil tem seu início relacionado a Charles Miller, que organizou o jogo realizado entre os times The Gas Works Team e São Paulo Railway Team, em 1895, na Várzea do Carmo, sendo celebrado como o primeiro jogo realizado de forma oficial no Brasil (Klein, 2001). Com a crescente prática do futebol e aumento do número de jogos realizados, novos clubes surgem, entre eles o São Paulo Athletic, comandado por Charles Miller. Lentamente, o futebol foi conquistando mais adeptos principalmente nas camadas mais elitizadas num primeiro momento.

Surgem novos clubes e o futebol se torna mais presente na sociedade paulistana. Esses clubes mais tradicionais como o Sport Club Germania e Sport Club Internacional sentiram a necessidade de se organizar um campeonato, a Liga Paulista de Futebol, que tinha como objetivo regular as relações entre os clubes e organizar as disputas. No ano de 1902, surge em São Paulo o primeiro campeonato de futebol do Brasil e, em seguida, os campeonatos não-oficiais (amadores) começam a se desenvolver e rapidamente são levados aos bairros operários, tornando a cidade de São Paulo berço dos campeonatos oficiais e não oficiais, o chamado futebol de várzea. A figura 1 é um exemplo de um clube de várzea e ilustra a relativa facilidade para a difusão do futebol: um gramado e um bola improvisada são suficientes para iniciar a atividade de lazer. Ao contrário dos caros e especializados equipamentos do remo e do caráter individual da natação, o futebol parecia ser possível de ser praticado por todos. O contato com ar livre, a possibilidade que pobres o praticassem e a abertura para que todos o tomassem para si (magros e obesos), facilmente improvisada em seus limites e regras, favoreceu a rápida difusão e popularização do futebol no Brasil.

Figura 1 – Exemplo de campo de Futebol de Várzea



Fonte: Autoria própria

No Brasil, de fato, o início futebol também esteve diretamente relacionado aos operários. Segundo SEABRA (2003), o clube de futebol tem grande importância e relevância na organização social e política, se tornando sinônimo de encontro político dos trabalhadores da cidade. Para a autora, o clube sediava a organização básica deste movimento, ao mesmo tempo em que refletia a urbanização, que passava a ser um processo que redefinia o modo de vida. Assim, a formação dos bairros operários acompanhava o processo de crescimento industrial da época. Surgiam as vilas operárias próximas as fábricas e subúrbios ao longo das ferrovias. Os bairros passam a ter grande importância na vida da cidade, verdadeiros lugares, no qual a vida cotidiana se humanizava e transformava as possibilidades do real. Segundo Seabra:

O bairro era caracterizado por uma unidade orgânica de vida, um em si, que aparecia como uma comunidade de bairro. (...) Produziu enraizamentos profundos os quais, no limite, quando experimentavam o excesso do outro (a presença dos de fora, os que chegavam depois...), deixava florescer o bairrismo, que era um sentimento de unidade, de autoafirmação das particularidades (fosse Bairro fabril, fosse Bairro étnico...), sentimento que era também uma negatividade em relação ao sentido que a modernidade atribui aos processos que desencadeia. O processo de urbanização de São Paulo produziu enraizamentos territoriais que foram capazes de germinar uma vida de bairro. Cada bairro com suas especificidades” (2006, p.11).

Nestes bairros, o futebol, era a uma das formas mais ativas de socialização entre os moradores do bairro e entre os bairros. Em linguagem geográfica, o futebol permitia que um grupo social compusesse os laços que

confeririam identidade e afetividade com o lugar. De fato, o jogo de futebol (e tudo ao seu redor) era visto como uma festa ocorria com regularidade: as pessoas viam neste evento um momento de lazer, além da própria partida de futebol. O evento proporcionava música e brincadeiras para quem ali estivesse. O futebol deixa de ter caráter apenas esportivo, competitivo, e passa a ser uma forma de organização social com uma base geográfica, estruturando a vida social, nos clubes. Ali, as pessoas viam a oportunidade de ingressar numa vida em sociedade a partir de um laço ativo com o espaço próximo, vivido.

1.1 Aquecimento: o lugar do futebol

O espaço do futebol na vida dos indivíduos foi construído e vivenciado através de suas relações sociais, ele ultrapassa o caráter esportivo e se torna parte da cultura social dos indivíduos. Pela intensidade, cotidianidade e afetividade, este espaço do futebol se exprime como lugar e suas relações. Assim sendo, o futebol não pode ser representado unicamente como um esporte, mas sim como uma expressão cultural e social. Há uma tendência na geografia de abordar novos conceitos e conhecimentos, bem como as relações socioespaciais, é uma necessidade de todas as ciências, expandir e aprofundar seus conhecimentos.

O geógrafo Milton Santos discute acerca do conceito de espaço geográfico, para o autor o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações. O espaço “mistura” as relações sociais e materialidades; para um objeto possuir função social, ele deve possuir relação com a sociedade, pois, isolado, ele tem função apenas de coisa. Ainda segundo Santos (1996), a ação humana é o que transforma o espaço. Sem esta ação, o espaço seria apenas uma paisagem, o homem é quem dinamiza as relações e traz nova função a aquela paisagem. Neste sentido, é possível traçar um paralelo entre o futebol amador no Brasil e sua relação com as várzeas dos rios, a ação humana transformou um espaço antes desocupado trazendo a ele nova função.

As várzeas dos rios quanto paisagem possuem características e dinâmicas próprias, com o advento da ação humana nesta paisagem traz a ela uma nova função, como por exemplo o futebol que ali era praticado, tal prática

transforma aquela paisagem dando novas características. Para Santos (1996, p.215):

O espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual.

As transformações sofridas pelas paisagens nos levam a encontrar novas visões. Uma delas seria vinculada ao cotidiano, entendido a partir da troca que existe entre os homens em sociedade, que transforma as relações, fazendo do lugar um ponto comum para a expressão das relações sociais, no espaço a relações entre os homens traz o valor da coexistência e diversidade. Para Santos (1996, p.218):

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

A conexão entre as pessoas gera um vínculo que se estende ao espaço a sua volta, a construção do lugar se dá pelos vínculos estabelecidos, gerando no indivíduo uma sensação de pertencimento ao lugar. O crescimento das cidades gera um deslocamento instantâneo entre seus espaços e o compartilhamento coletivo de sensações e desejos em comum entre as pessoas, como afirmado por Sérgio, em entrevista ao R7:

É importante para o bairro, para os jogadores, para toda a comunidade. É uma alegria que tem em todo final de semana. Isso ajuda muito [a comunidade], principalmente as partes mais carentes, que não têm como se divertir aos finais de semana.

Nessa perspectiva, o deslocamento das pessoas cria relações, principalmente nas maiores cidades, e potencializado em metrópoles de países subdesenvolvidos, onde a falta de infraestrutura e opções de cultura leva as pessoas a se deslocarem para terem acesso a isso.

Os períodos iniciais do futebol no Brasil refletem a relação social vivenciada pelos indivíduos de uma metrópole subdesenvolvida, o futebol que tem o começo de sua prática associada a elite sofre grandes transformações

oriundas da pressão das grandes massas, criando estruturas e relações para a sua prática na cidade. O futebol disseminado por toda a sociedade compartilha entre seus praticantes os mesmos prazeres e desejos, e há uma mudança de paradigma, o futebol deixa de ser elitizado e passa a ser popular, uma cultura de massa, aproximando as pessoas do lugar, produzindo territorialidades próprias, criando e desenvolvendo relações entre os seus praticantes e lugares.

Todo o processo de modernização contemporâneo levou a banalização do espaço da cidade, havendo uma confluência de formas organizacionais convivendo em harmonia, onde os fracos ali podem subsistir, este debate trazido por Santos (1996) evidencia o arranjo social existente no começo do futebol no Brasil.

2. Primeiro tempo: A várzea como um lugar

Na cidade de São Paulo, há uma grande presença de várzeas, que podem ser definidas como terrenos baixos, planos, juntos as margens dos rios, o leito maior do rio (GUERRA, 1993, p.433). Do ponto de vista físico, se trataria de uma área de inundação periódica, sazonal. Segundo definição de (AB'SÁBER, 1958), as várzeas são constituídas por planícies de relevo quase plano, formada pelos aluviões holocênicos dos rios que pertencem a bacia de São Paulo.

Tais várzeas se estendem por grande parte da cidade, interpenetrando-se pelos rios Tietê e Pinheiros e por vales de seus afluentes principais, tendo largura não superior a 3 km. São conjuntos de depósitos aluviais recentes, com gênese clássica de sedimentação em planícies de inundação, com o passar dos anos elas foram sendo preenchidas e erodidas, dando origem aos baixos terraços fluviais.

A ocupação da cidade de São Paulo permaneceu por muito tempo nas colinas se expandindo nas mais diversas direções, de forma horizontal e nas mais diferentes altimetrias; já a várzea paulista permaneceu com baixa densidade de ocupação por longo período. Foi, historicamente, um limitador e indicador do tamanho da cidade de São Paulo, barreira só vencida em meados do século XX. Durante o processo de ocupação da cidade, a área de várzea foi deixada ao esquecimento, tendo como principal uso a pastagem, ocupação militar e a prática do esporte, como evidencia Seabra:

Nas várzeas instalaram-se clubes e inúmeros campos de futebol que ganharam centralidade na vida dos moradores da cidade pela grande mobilização gerada por essas práticas. De passagem cabe lembrar que o futebol praticado nas várzeas de São Paulo foi a primeira grande festa do povo fora da perspectiva da Igreja (SEABRA, 2003, p.60).

A ocupação das várzeas como área de lazer, no entanto, e o crescente número de campos de futebol nela presente, ocorreu de forma rápida. Por possuir um clima bem regulado e o terreno plano, o local tornou-se propício para a prática esportiva. Apenas no período de cheias dos rios os campos se tornavam inutilizáveis devido ao alto volume de água presente no mesmo. Não

apenas para o lazer individual serviam as várzeas; associado a isso, começaram a surgir os primeiros clubes de beira-rio, como evidência Ab'Saber:

...as várzeas serviram para o enraizamento dos primeiros clubes beira-rio, aqueles mesmos que um dia se tornariam os grandes clubes de regatas e natação da cidade (AB'SÁBER, 1958, p. 217).

O futebol não era a única atividade realizada nas várzeas dos rios. Nelas também surgem cidades, bairros e foi fator importante no sentido de fornecimento de matéria prima para a construção da cidade. De fato, sua participação na vida da sociedade vai além de sua função física, pois se tratava de um espaço para a prática de recreação e lazer para parte da sociedade da época e hoje em dia tem papel fundamental na questão habitacional, sendo por muitas vezes refúgio habitacional de população de baixa renda.

Por volta da década de trinta, o rio Tietê passou por uma grande obra de canalização e modernas pontes já ligavam áreas próximas com o corpo da cidade (SEABRA, 2003). Naquele período, as várzeas eram repletas de campos para a prática do futebol e, com o passar dos anos, muitos destes campos sumiram e passaram a dar espaço a ruas, casas, prédios ou suja, a crescente urbanização da cidade levou a transformação deste espaço.

Figura 2 – Foto aérea de campo de várzea em área adjacente ao Rio Tietê, próximo a região do Belenzinho



Escala 1:50000

(fonte: <http://maps.google.com.br> - acessado em 3/12/2021 – adaptada por Fernando Mazarin Bakanovas)

Desde o início do processo de expansão de São Paulo, a segregação socioespacial foi elemento constante da estrutura urbana. A região da Várzea do Carmo era vista como um elemento a ser superado para a integração da cidade como um todo. A partir das obras de canalização e saneamento do Rio Tamanduateí, a várzea foi transformada em parque, o Parque D. Pedro II; tal processo pode ter levado benefícios econômicos e funcionais para a cidade, mas trouxe o fim de boa parte dos campos de futebol de várzea. Processo análogo foi observado pela retificação do Rio Pinheiros e pela canalização do Rio Tietê.

Figura 3 - Time do Corinthinha do bairro do Limão, 1981



Fonte: Acervo familiar

Breve, o processo de transformação urbana ocorrida em São Paulo modifica o espaço. O capitalismo industrial toma o espaço e muda suas relações, na medida em que o valor de troca passa a comandá-lo, tornando-se uma mercadoria. A terra, entendida como propriedade privada, impõe uma nova estrutura nos bairros já existentes na cidade. Segundo Seabra (2003, p.431), a venda da terra inseriu os proprietários no processo urbano, na medida em que a compra e venda de terra passaram a ser negócios altamente lucrativos e uma forma de ascensão econômica.

A comercialização de terras chamou a atenção de diversos setores da sociedade: começa um movimento de especulação imobiliária, produzindo e reproduzindo o espaço através de interesses econômicos. A consequente propagação desta prática afeta regiões da cidade antes “esquecidas” como os campos de várzea. O incremento de infraestrutura na cidade e a especulação imobiliária, associado ao interesse econômico na terra, geram uma densa transformação na paisagem, no cotidiano. De fato, os encontros que ocorriam nos campos de várzea são em boa parte substituídos por avenidas, fábricas, residências e comércio.

Não é apenas o futebol amador que tem seu cotidiano alterado, pois as distâncias da vida social também são transformadas, o bairro se torna uma área de relações mais superficiais ou pelo menos afetadas com toda a transformação urbana. O sentido de lugar antes facilmente observado no bairro, de um modo geral, é impactado. Porém, o futebol amador não desaparece com a modernização. As transformações ocorridas no espaço afetam a forma como o futebol amador era praticado, na medida em que este passa de um movimento integrador de bairros e pessoas para um movimento pulverizado por uma metrópole em constante transformação. Mesmo com todas as transformações ocorridas na cidade, o futebol consegue sustentar suas características de integração e pertencimento, por outros modos. Como podemos observar na fala de Rudovalho, em entrevista à Folha de São Paulo:

Sou um alagoano que desembarcou em São Paulo aos três anos de idade. Tempos depois, vim parar na favela da Vila Prudente, de onde nunca mais saí. Eu me lembro até hoje da reação da minha mãe quando entramos na nossa casa –um barraco de madeira com terra batida. Ela só chorava. Aqui, fundei o time de várzea da favela: o Vera Cruz Esporte Clube, em 1960. No início, tentei ser jogador, mas o time era tão bom que eu não quis atrapalhar e acabei ficando só na diretoria do clube. A maior glória do "Vera" foi a de vencer a "Copa Setembrina",

em 1978. Hoje o time tem sede, que é usada até para casamento. Gosto daqui. Não troco a favela por nada. Todo mundo se conhece e estou a duas quadras da praça feita em homenagem ao meu pai, que ajudou a comunidade. Como eu poderia deixar esse lugar?

As transformações ocorridas no futebol ao longo dos anos geraram novas formas de reprodução. De fato, o crescimento da cidade fez com que houvesse formas de organização distintas entre os clubes da própria cidade. Além disso, a internet gerou uma nova forma de organização entre os times “varzeanos”. As redes sociais têm hoje grande importância nesta organização, pois grande parte dos times amadores tem páginas em rede sociais e nelas mostram um pouco do seu dia a dia e para entrar em contato com outras equipes e marcar amistosos ou organizar campeonatos.

Nos dias atuais, sítios da internet possibilitam a criação de ligas entre os clubes amadores “driblando” a barreira da segregação especial gerada pela reprodução do espaço. A velocidade de comunicação proporcionada pela internet aproxima os clubes da comunidade que não frequenta o clube através da divulgação das redes sociais.

O processo de avanço tecnológico forneceu novas formas de comunicação, o rádio, jornal e a televisão durante muitos anos foram a forma mais ampla de se divulgar os acontecimentos na sociedade e com o futebol não foi diferente. O advento da internet passou a difundir de forma instantânea a notícia e com a criação das redes sociais como o twitter, instagram e facebook diminuiu as distancias entre os clubes e as pessoas.

2.1 “Futebol de Várzea”, lugares do amadorismo em SÃO PAULO e suas questões sociais

Esta categoria vem passando por transformações relacionadas a sua organização. Existiam diversos campeonatos tradicionais e torneios importantes, como o desafio ao galo e a Copa Kaiser, mas ambos foram extintos. Atualmente o futebol de várzea conta com um número expressivo de campeonatos, tais como a Super Copa Pioneer, Copa Morrete e muitos outros campeonatos organizados, dispersos pela cidade de São Paulo. Numa tentativa de melhor organização, foi criada em 2010 a LPFA (Liga Paulistana de Futebol Amador), com a intenção de organizar e representar os clubes amadores da cidade paulista. Em âmbito federal, a Lei de Incentivo ao Esporte busca incentivar a prática do futebol no país, mas seu alcance tem se restringindo, na sua maioria, a clubes profissionais, de maior expressão nacional.

Com o aumento da prática de futebol amador, o futebol de várzea acabou por se tornar seu sinônimo. O termo “várzea” acabou por se estender além do futebol, tornou-se uma denominação para a prática esportiva sem profissionalização, com pouca organização. Como a várzea é um lugar aberto a todos da sociedade, é muito comum ir a campos de várzea e encontrar amigos de bairro jogando pelo mesmo time e convivendo entre si.

Apesar de todo o glamour que envolve o futebol no Brasil e no mundo, o futebol varzeano luta diariamente para sobreviver, pois falta incentivo financeiro. Times e jogadores enfrentam dificuldades: o jogador precisa do dinheiro recebido na partida para sustentar sua família e o time precisa de sustentação financeira para poder contratar jogadores por jogo. Não se trata exatamente de trabalho assalariado, na medida em que não há um contrato regido pela Constituição, além de não ter as garantias que esta categoria profissional atribui. As relações entre o “patrão” e o “trabalhador” se apresentam menos hierárquicas e a velocidade das mudanças é maior. A maioria dos times não possui renda fixa: dependem da venda de camisas e de algum patrocínio pontual para tentar arcar com todos os seus gastos. Na contramão das dificuldades financeiras encontradas pelos times, alguns atletas tiram do futebol varzeano seu sustento;

no futebol de várzea, o jogador recebe por partida, podendo realizar uma ou mais partidas no mesmo dia.

Ainda que os vínculos com o lugar e com a vizinhança sejam fortes, os jogadores buscam a várzea também como lócus da sua sobrevivência. Muitos jogadores têm seu início na várzea e de lá partem para o futebol profissional. Muitos times estão desenvolvendo um trabalho de categoria de base, dando oportunidade aos jovens. Muitos destes clubes participam de campeonatos de base e possuem parcerias com clubes profissionais, indicando os melhores jogadores para estes times. Em parte, os clubes reduzem os custos fixos da formação de jovens ao procurar os clubes amadores como instâncias de mediação.

Porém, num movimento mais atual, é possível notar, em alguns casos, o movimento inverso. De fato, muitos clubes profissionais passam por dificuldades financeiras e deixam de pagar o salário de seus jogadores e muitos desses jogadores estão optando em ir jogar nos clubes amadores, já que o pagamento do jogador é por jogo a chance que se atrase o pagamento na várzea é menor em relação ao futebol profissional. Também existem menos barreiras para que estes jogadores amadores procurem novos clubes, na medida em que seus “contratos” são informais.

Ainda que se leve em conta o peso da economia na vida social, é preciso destacar que os times amadores de São Paulo mantêm vivo um futebol tradicional de bairro, algo comum na várzea. O futebol de várzea agrega um papel social, promovendo festas para crianças, com um papel de integração muito forte. É na camada popular que a prática do esporte ganha força e se desenvolve, como pode ser notado em toda sua trajetória, desde as escolas públicas inglesas passando pelos operários no Brasil e chegando as camadas mais populares da sociedade, que vem no futebol um meio de recreação e de fonte de renda.

Figura 4 – Jogo de várzea no Clube Arthur Friedenreich, Vila Prudente.



Fonte: Autoria própria

3. O SE Canarinho e a várzea viva em São Paulo

Para trazer maior profundidade a pesquisa e uma perspectiva interna sobre o futebol de várzea me foi indicado através de meu pai, Angelo, seu colega de empresa, Francisco Lucivan da Silva, mais conhecido como Lucivan, que atualmente é diretor da SE Canarinho e prontamente atendeu o pedido de entrevista e foi extremamente solícito. Localizado na zona leste de São Paulo, no bairro Cidade Kemel, a SE Canarinho foi fundada no dia 08/03/1983. Este time amador surge do esforço e sonho de seus fundadores:

O canarinho foi fundado em 1983, foi fundado por amigos do bairro mesmo, que até hoje prevalece, estamos na terceira geração do canarinho, já vai fazer 38 anos, tem várias histórias, vários títulos. Atualmente o Canarinho está na terceira geração de dirigentes, mas os fundadores ainda têm sua importância dentro do clube.

Figura 5: Escudo Sociedade Esportiva Canarinho



Fonte: SE Canarinho

A composição básica de um clube de várzea são seus dirigentes, jogadores e torcida, sendo que muitas vezes esse papel se confunde. Uma mesma pessoa pode, e muitas vezes, faz parte dos três grupos. A comunidade é muito presente no dia a dia de um clube de várzea. A proximidade da vizinhança transforma o lugar, na medida em que os agentes da transformação geralmente são do mesmo bairro, como explicado por Lucivan:

A maioria (dirigentes) mora no bairro, só eu que moro um pouco afastado, o pessoal da comunidade é do bairro do Itaim paulista. A maioria dos jogadores são do bairro, 80% são do bairro, tem uns que já moro lá, o pai já morou, conhece a história e mora em outro bairro e pede pra jogar, mas a maioria, o projeto social que o canarinho participa, porque na comunidade tem vários times, aquela, todo jogador que joga no canarinho vem porque conhece a história ou porque o pai já jogou ou sempre quis jogar, quem nunca jogou no canarinho tem vontade de vestir a camisa do canarinho e seja em festa, seja aquilo outro, a gente põe todo mundo pra jogar, pra brincar um dia com a camisa do canarinho.

Para a fundação de um time amador, é preciso ir além da paixão. De acordo com as entrevistas que colhemos, são necessários esforços contínuos para que o projeto vire realidade. Além do jogador e técnico, camisas, calções e meião são itens obrigatórios que possuem determinado valor. Para um time amador, o capital é sempre uma questão mais problemática, como afirma Lucivan. A manutenção de um time de várzea gera custos, além do material esportivo: tem o custo com a equipe de arbitragem, material médico e alimentação, segundo relatos do próprio Lucivan em média os bons jogadores recebem entre R\$300,00 e R\$600,00:

Olha o clube de várzea hoje ele traz vários problemas, assim, você não tem uma estrutura, tem que correr atrás de jogador, e jogador de várzea hoje quer dinheiro, a várzea está mais profissionalizada, muitos ex-jogadores tão na várzea, vem para a várzea e ganham, aí o moleque que está surgindo na várzea quer ganhar também. Os diretores dos times se queimaram, muitos times que não podiam trazer o jogador acabaram pagando para o jogador mais ou menos, aí ele se “autointitularizou” craque e hoje não tem mais amor ao time, não joga num time só, joga em vários. Para montar um time bom é complicado, é difícil conseguir um bom goleiro, nós temos três que não vale um, tem um que vai jogar para a gente e vamos ajudar ele, dar uma cesta básica. Nós sabemos da necessidade e sempre que precisa nós tentamos ajudar.

O futebol amador não é apenas o amor ao time do seu bairro, é também um meio de receber um salário, muitos jogadores aceitam participar de jogos do SE Canarinho para tentar “aparecer” para outros times que pagam salário e

assim poderem ser chamados para jogar e receber algum dinheiro. Na várzea o salário é pago em dia, muitos jogadores tiram de lá o sustento de suas famílias, podendo fazer diversos jogos em um final de semana, como afirma Lucivan: “tem muito jogador que só vive da várzea, joga em três ou quatro time, joga sábado e domingo”.

Como citado na fala de Lucivan, o futebol de várzea passou por grandes transformações ao longo dos anos. A questão financeira é cada vez mais presente na vida de um clube. Como o futebol de várzea paga em dia, muitos jogadores profissionais de clubes menores estão indo jogar na várzea, gerando um movimento inflacionário no pagamento dos atletas, fazendo com que outros atletas também buscassem uma valorização no seu pagamento. Para se ter um time competitivo, é necessário um aporte financeiro.

Ainda assim, times de menor volume financeiro buscam atletas pela relação de proximidade, a famosa expressão do futebol “jogar por amor”. Mesmo os jogadores que não possuem salário acabam recebendo alguma ajuda financeira do clube, fazendo um clube um importante agente comunitário, como afirma Lucas Ribeiro em entrevista ao R7: “Mais que futebol, um time de várzea é quase uma ONG”. Lucivan explica que o canarinho já pagou por jogador, mas que atualmente não paga, ainda que muitos clubes amadores o façam:

Não no canarinho hoje não tem, porque a diretoria é feita por 9 diretores, os 9 trabalham, tem suas prioridades, então a gente não tem, mas a arrecadação que vem do canarinho é a ajuda de custo a gente tem o patrocínio do mercado.

Portanto, quanto mais presente no convívio em sociedade, maior será a chance do clube se desenvolver. A relação com o torcedor é de extrema importância. As regiões mais periféricas da cidade de São Paulo carecem não apenas de infraestrutura, mas também de qualidade de vida, assistência social e foi por este motivo que, segundo Lucivan, surgiu a ideia do projeto Futebol solidário. O projeto busca atender as famílias mais necessitadas da região através da coleta e distribuição de alimentos e brinquedos para os mais necessitados.

Figura 6: Cartaz Futebol Solidário



Fonte: SE Canarinho

Figura 7: Campanha Futebol Solidário



Fonte: SE Canarinho

Figura 8: Entrega de doações da campanha futebol solidário



Fonte: SE Canarinho

Tal prática se estende a diversos clubes de várzea, segundo relatos de jogadores e frequentadores. Além do próprio SE Canarinho de Lucivan, diversos clubes de várzea realizam ações sociais no seu bairro. Isso demonstra que o clube de várzea vai além do futebol e que o próprio futebol (esporte/jogo) passa a ser acessório do espetáculo, sendo a ajuda ao próximo o grande evento do clube de várzea:

O futebol solidário a gente criou a associação, fez três anos agora, foi criada pelos clubes, os times dos bairros próximos, começou com 4 times, já temos 10 times envolvidos. Começou como uma brincadeira, antes da pandemia, criamos para recolher alimento, ajudar o mais pobre, porque aqui no extremo leste, tem uma várzea muito defasada, tem pouco lazer e os governantes não olham para cá, só olham pra cá na época de política, no kernel 1 tem muitas famílias necessitadas. E nós fomos conversando para fazermos um evento para fazer alimento, começou a arrecadar e ficou sério, hoje já temos um time do futebol solidário que joga de sábado, disputa campeonato, outras pessoas cuidam. E o time que estão envolvidos todo último sábado do mês, tiramos aquele lazer e cada um joga com que time quiser a traz 1kg de alimento. É um projeto muito bonito, ajuda as crianças damos cesta básica, brinquedos e vem crescendo cada vez mais.

Os eventos de doação de alimentos são apenas uma parte da ação social realizada pelos clubes. Muitas vezes os jogadores mais necessitados recebem algum tipo de suporte, seja financeiro ou em doações de alimentos e toda a comunidade é beneficiada pela convivência dentro do clube. Neste sentido, podemos notar a ação humana evidenciada por Santos (2002) transformando o espaço. As ações sociais não ficam restritas apenas ao evento, é uma atividade diária, o clube busca apoiar a comunidade diariamente, como podemos notar na fala a seguir:

Arrecadação (de alimento) é todo dia, quem quiser ir no bar do Carlão tem a mesa de arrecadação é só passar e deixar o quilo de alimento lá, lá é bem conhecido na região. O social para todo mundo, o dia de arrecadação é uma vez por mês. O último sábado de cada mês.

Já com alguns anos de vida, o SE Canarinho tem uma vida bem ativa, pois participa de diversos jogos e campeonatos por São Paulo, principalmente nos campos de da Zona Leste de São Paulo. Em dias de jogos, os jogadores, torcedores e dirigentes se encontram na sede do clube, o Bar do Carlão.

Figura 9: Confraternização entre amigos do SE Canarinho

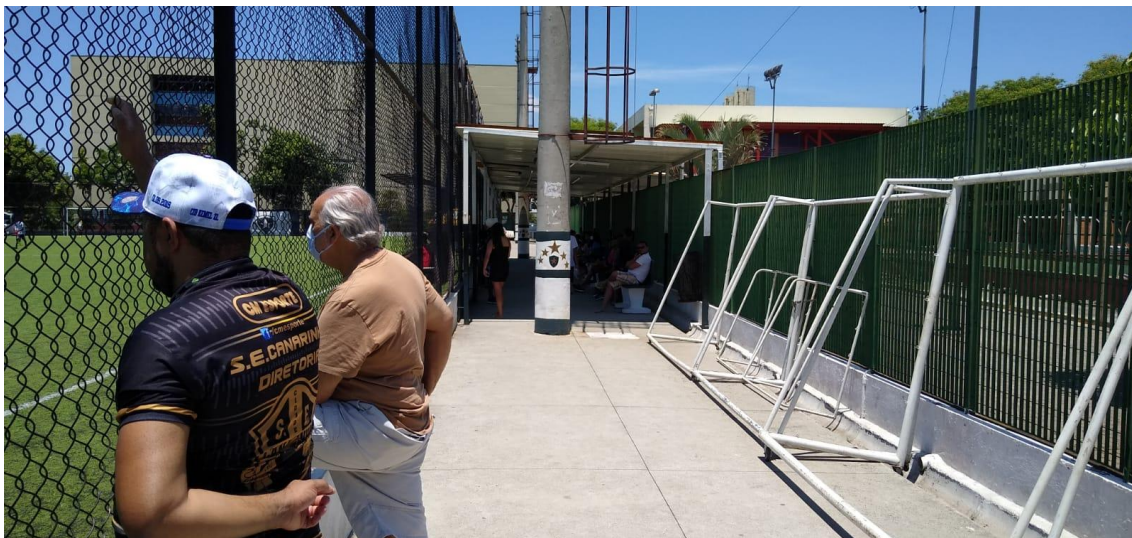


Fonte: SE Canarinho

O convívio com a sociedade se dá de forma intensa, além das festas citadas os moradores do bairro comumente são vistos nas ruas usando a camisa de jogo do time não apenas nos dias de jogos. Sempre que há algum evento na comunidade, é possível ver uma camisa do time. Logo, os torcedores se reúnem e começam a discutir sobre os jogos. A dinâmica é semelhante àquela vista entre torcedores de clubes de expressão, mas o clube de bairro tem um algo a mais nesta relação: a relação é mais próxima e evidente, familiar, algo vindo das relações interpessoais em primeiro plano, sem a mediação direta e intencional de meios de comunicação, torcidas organizadas ou gerências profissionais. De acordo com Lucivan:

Depois do jogo a gente vai na sede, canarinho tem sua sede hoje, um barzinho local, na beira de outro campo também, o pessoal fica lá, tem churrasco, não fica todo jogo, mas sempre fica lá batendo um papo, domingo as vezes o jogo é cedo e o pessoal quer sair com a família, mas quem é solteiro fica mais lá.

Figura 10: Torcida acompanhando jogo de várzea



Fonte: Autoria própria

O futebol de várzea atualmente é muito dependente da questão financeira, para isso os dirigentes acabam contribuindo financeiramente com o clube para cobrir os custos. Além da ajuda dos dirigentes, os clubes buscam patrocínios locais para equilibrar as contas:

O mercado pops é do bairro, o cabeleireiro do noquinho também é do bairro e a farmácia que antes já patrocinou e não patrocina mais também é do bairro isso tudo é sempre da comunidade ali próxima do bairro e a renda que entra mais são dos diretores que pagam mensalidade por mês, essa renda fica guardada com o tesoureiro, no caso de campeonato ter dinheiro em caixa para pagar a inscrição e o juiz que paga todo jogo.

A fala acima demonstra o caráter social que o futebol, a comunidade gera no lugar, pois mesmo não possuindo dinheiro para remunerar seus atletas, o Canarinho e muitos outros clubes sentem a obrigação moral de ajudar seu semelhante. A falta de apoio governamental faz do futebol de várzea meio de receber alguma ajuda financeira, muitas famílias que recebem ajuda dos times. A vitória na partida se torna um acessório perto da vitória do time em ajudar uma família de sua comunidade a colocar uma refeição no prato, o sentimento pelo clube vai muito além do futebol, é um sentimento de ajuda social, comunitária,

trazendo além de entretenimento e cultura o apoio e ajuda a melhoria de vida das famílias.

Figura 11: Taça de Campeonato



Fonte: SE Canarinho

Figura 12: Time do SE Canarinho em campo de várzea na região de Guaianases



Fonte: SE Canarinho

Mesmo com todas as dificuldades, o futebol amador se mantém vivo pelo amor que seus praticantes e torcedores sentem, o apoio da sociedade é essencial para o time sobreviver e prosperar. Na medida em que os vínculos ultrapassam a simples estrutura econômica e se enraízam, se tornam lugares que são reproduzidos simbolicamente, de geração e geração, alterando as condições do real, ainda que parcialmente. Andando pelo bairro Vila Bela é possível ver muitos torcedores com a camisa do time, comentando sobre os jogos, a relação entre time e sociedade na região vai muito bem. Em parte, tais vínculos com o lugar do futebol de várzea resistem ao processo excludente e alienante do mercado profissional e do seu circuito capitalizado do futebol.

4. Considerações Finais

Hoje em São Paulo os bairros com menor poder aquisitivo enfrentam dificuldades sociais e culturais devido à pouca presença do Estado, o futebol amador surge como meio agregador entre a sociedade e interage com ela. A sobrevivência do futebol amador hoje em sua grande parte reside nas periferias e locais de baixa renda, onde jogadores que não conseguiram se profissionalizar e amantes do esporte desfrutam do mesmo. Interação com a sociedade tem se mostrado essencial para a preservação destes times, já que não possuem renda fixa ou patrocínios generosos.

Apesar de todo o glamour que cerca o esporte no Brasil e no mundo, o futebol varzeano luta diariamente para sobreviver, falta incentivo financeiro no meio, times e jogadores enfrentam dificuldades, onde um depende do outro, o jogador necessita do dinheiro recebido na partida para sustentar sua família e o time precisa de sustentação financeira para poder contratar jogadores por jogo. A maioria dos times não possui rendimentos fixos, dependem da venda de camisas e de algum patrocínio pontual para tentar arcar com todos seus gastos.

Atualmente grande parte dos clubes de várzea desenvolvem um trabalho social com as crianças formando times de categoria de base. As crianças que tiverem condições pagam uma mensalidade, para manutenção do material esportivo e alimentação e podem treinar e jogar campeonatos pelo clube, podendo assim, “aparecer” no cenário futebolístico almejando uma vaga num clube profissional. Outro ponto importante a ser destacado é a falta de apoio público no futebol de várzea, muitos campos estão em condições precárias e falta segurança, durante a entrevista e na conversa informal com os frequentadores, vários episódios de brigas e discussões foram relatados, a questão da segurança no futebol de várzea é de extrema importância, falta apoio público para cercar os campos, evitando tragédias.

Além da prática esportiva, o futebol de várzea se consolidou como forma de expressão social, que serve como um centro agregador para manifestações da própria cultura local. A organização do esporte amador tem ocupado lacunas antes vagas na parcela mais carente da sociedade em funções que cabem ao

Estado, como o lazer, assim como também fortalecido a identidade de uma região.

O futebol é um dos esportes mais praticados no mundo, para o povo brasileiro ele supera a barreira do esporte e entra no imaginário popular, é paixão, angústia, brincadeira, diversão é viver. As quatro linhas que representam o campo vão além da prática esportiva, pois elas se misturam à sociedade, transformando-se num organismo vivo e pulsante. Em muitas famílias que vivem em países sofridos como o Brasil, o futebol representa a alegria de um povo que muitas vezes não tem o que pôr a mesa. O futebol de várzea é um lugar de manifestação cultural, uma forma de expressão de uma sociedade desigual e opressora, que sobrevive graças ao apoio comunitário que vê no futebol um lugar de refúgio e de pertencimento.

Se o futebol profissional se mostra excludente pelas demandas da circulação, da globalização, pelas regras e pelos procedimentos do mercado de trabalho, a várzea ainda abre um outro conjunto de possibilidades. Jogadores e torcedores estão mais próximos, assim como o seu lugar é compartilhado. Em um contexto no qual os ingressos para um jogo profissional são limitados e caros e as “peneiras” de acesso ao futebol profissional são filtradas por empresários e critérios físicos mais exigentes, a várzea é uma das mais importantes forças que resguardam o caráter popular deste esporte.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, A. N. (2007). Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo. São Paulo: Atêlie Editorial.
- AB'SABER, A. N. O Sítio Urbano da cidade de São Paulo. In: Aroldo de Azevedo (org): A cidade de São Paulo: estudo de geografia urbana. São Paulo. Companhia Editora Nacional. Coleção Brasileira, vol. 14, p. 169 – 243. 1958.
- ADAUTO, F. O futebol da cidade não morreu, só mudou de lugar. In; COSTA, Márcia Regina da (et. al.). Futebol: espetáculo do século. São Paulo: Musa, 1999.
- CLAVAL, Paul. A geografia cultural. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001a. orig. 1995.
- DAOLIO, J. Cultura Educação Física e Futebol. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- Esportes R7. Lazer, comércio e ações sociais: como a várzea ajuda bairros de SP.<<https://esportes.r7.com/futebol/lazer-comercio-e-acoes-sociais-como-a-varzea-ajuda-bairros-de-sp-27092018>> Acesso em 5 de dezembro, 2021
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Folha de São Paulo. Criador do Vera Cruz Esporte Clube diz que na favela Vila Prudente todos se conhecem.
<<https://m.folha.uol.com.br/imoveis/2016/03/1746603-criador-do-vera-esporte-clube-diz-que-na-favela-vila-prudente-todos-se-conhecem.shtml>> Acesso em 5 de dezembro, 2021
- Google Maps. <https://www.google.com.br/maps/@-23.5288314,-46.5951339,596m/data=!3m1!1e3> Acesso em 5 de dezembro, 2021.

GUERRA, A.T. Dicionário geológico-geomorfológico. 5.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

KLEIN, Marco Aurélio. Futebol Brasileiro (almanaque). São Paulo. Editora Escala, 2001.

MASCARENHAS de JESUS, Gilmar. A bola nas redes e o enredo do lugar: uma Geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001 (tese de doutorado).

PRONI, M. W. A metamorfose do futebol. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003 (tese de livre-docência).

_____. Futebol: do ócio ao negócio. Palestra proferida no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, setembro de 2006

APÊNDICE A – Entrevista Lucivan

Figura 13: Lucivan



Fonte: Autor

.1. Transcrição da entrevista com Lucivan, dirigente do SE Canarinho:

Entrevistador (FR): Você poderia falar um pouco sobre a história da fundação do seu time? Quem fundou?

Entrevistado (LV): O canarinho foi fundado em 1983, foi fundado por amigos do bairro mesmo, que até hoje prevalece, estamos na terceira geração do canarinho, já vai fazer 38 anos, tem várias histórias, vários títulos.

(FR): Os fundadores ainda participam do time?

(LV): Da primeira geração tem só um Senhor, Senhor Abel, é a velha guarda, no momento ele não vai porque já é um senhor de idade, mas a palavra deles ainda é bem respeitada.

(FR): A diretoria atual ainda mora no bairro?

(LV): Mora no bairro, a maioria mora no bairro, só eu que moro um pouco afastado, o pessoal da comunidade é do bairro do Itaim paulista.

(FR): Os jogadores também são do bairro?

(LV): Sim, maioria dos jogadores são do bairro, 80% são do bairro, tem uns que já moro lá, o pai já morou, conhece a história e mora em outro bairro e pede pra jogar, mas a maioria, o projeto social que o canarinho participa, porque na comunidade tem vários times, aquela, todo jogador que joga no canarinho vem porque conhece a história ou porque o pai já jogou ou sempre quis jogar, quem nunca jogou no canarinho tem vontade de vestir a camisa do canarinho e seja em festa, seja aquilo outro, a gente põe todo mundo pra jogar, pra brincar um dia com a camisa do canarinho.

(FR): Algum jogador tem salário? Tem ajuda de custo?

(LV): Não no canarinho hoje não tem, porque a diretoria é feita por 9 diretores, os 9 trabalham, tem suas prioridades, então a gente não tem, mas a arrecadação que vem do canarinho é a ajuda de custo a gente tem o patrocínio do mercado.

(FR): O mercado é do bairro?

(LV): O mercado pops é do bairro, o cabeleireiro do noquinho também é do bairro e a farmácia que antes já patrocinou e não patrocina mais também é do bairro

isso tudo é sempre da comunidade ali próxima do bairro e a renda que entra mais são dos diretores que pagam mensalidade por mês, essa renda fica guardada com o tesoureiro, no caso de campeonato ter dinheiro em caixa para pagar a inscrição e o juiz que paga todo jogo.

Os custos são juiz, entrada no campeonato, medicamentos para jogadores machucados.

(FR): Tem torcida nos jogos? Tem torcida organizada?

(LV): Tem a gente tem torcida sim, canarinho tem uma torcida bem fanática, temos também uma torcida feminina, não é muito grande.

(FR): Estão sempre acompanhando?

(LV): Sim a torcida está sempre acompanhando quando tem jogo em casa

(FR): Depois do jogo tem alguma confraternização?

(LV): Depois do jogo a gente vai na sede, canarinho tem sua sede hoje, um barzinho local, na beira de outro campo também, o pessoal fica lá, tem churrasco, não fica todo jogo, mas sempre fica lá batendo um papo, domingo as vezes o jogo é cedo e o pessoal quer sair com a família, mas quem é solteiro fica mais lá.

(FR): É sempre depois do jogo? Ou tem encontro em outros momentos?

(LV): É sempre depois do jogo, dia de sábado tem encontro, pessoal se encontra. A gente esse ano pra cá criamos um projeto de um time de molecada mais novas 15 e 17 anos, pessoal joga de sábado, é como uma categoria de base, não tem custo, tem um diretor que ficou responsável por isso, a molecada se banca.

(FR): Jogadores pagam alguma mensalidade?

(LV): Então da categoria de base a gente pede uma ajuda de custo pra eles ajudarem pra entrar em campeonato, eles se bancam, é mais para material esportivo, bola, luva para goleiro, remédio, gaze, gelol e água. A várzea é muito cruel, jogo começa as 8h e vai até 16h, e o sol estralando, precisa de muita água, precisa levar, não é todo campo que tem.

(FR): Se algum jogador se machucar, o clube ajuda os jogadores?

(LV): A gente ajuda todo mundo, levamos no hospital damos primeiros socorro, se precisar de algo a mais vamos ajudar, se as vezes tem jogador que paga aluguel, a gente faz um festival, convidamos times próximos e eles pagam uns 60 reais, valendo um troféu, para ajudar os jogadores, convertemos os valores de inscrição para ajudar a comunidade.

(FR): Você está com um boné do futebol solidário, você poderia falar sobre o futebol solidário?

(LV): O futebol solidário a gente criou a associação, fez três anos agora, foi criada pelos clubes, os times dos bairros próximos, começou com 4 times, já temos 10 times envolvidos. Começou como uma brincadeira, antes da pandemia, criamos para recolher alimento, ajudar o mais pobre, porque aqui no extremo leste, tem uma várzea muito defasada, tem pouco lazer e os governantes não olham para cá, só olham pra cá na época de política, no kemel 1 tem muitas famílias necessitadas. E nós fomos conversando para fazermos um evento para fazer alimento, começou a arrecadar e ficou sério, hoje já temos um time do futebol solidário que joga de sábado, disputa campeonato, outras pessoas cuidam. E o time que estão envolvidos todo último sábado do mês, tiramos aquele lazer e cada um joga com que time quiser a traz 1kg de alimento. É um projeto muito

bonito, ajuda as crianças damos cesta básica, brinquedos e vem crescendo cada vez mais.

(FR): O evento é mensal?

(LV): Arrecadação é todo dia, quem quiser no bar do Carlão tem a mesa de arrecadação é só passar e deixar o quilo de alimento lá, lá é bem conhecido na região. O social para todo mundo, o dia de arrecadação é uma vez por mês. O último sábado de cada mês.

(FR): Hoje em dia a várzea tem apoio da federação paulista de Futebol ou da Confederação Brasileira de Futebol, tem algum tipo de organização máxima, ou são organizações divididas?

(LV): Não tem participação de nenhuma federação, são federações divididas, mais ou menos cada bairro com sua organização, sua federação, aqui tem várias federações, vários campeonatos, são ligas e tem várias. Tem liga master, veterana e são bem respeitadas pelos times.

(FR): Essas federações fazem campeonatos?

(LV): Essas federações se organizam e criam um campeonato anual, cada uma cria uma. Não é obrigado a participar e tem uma premiação e divulgação amplas, hoje a gente está vivendo na tecnologia na mídia social, hoje já temos transmissões de jogos ao vivo.

(FR): Os clubes transmitem?

(LV): Não são pessoas que veem e transmitem pelo facebook e Instagram, ele chega no time e diz que quer transmitir, a pessoa paga para os times e transmite. Tem várias pessoas que transmitem, são divulgações que ajudam o campeonato, tem fornecedor de camisa, tem os patrocinadores, isso valoriza o Campeonato

(FR): Quais são as dificuldades de um clube de várzea hoje?

(LV): Olha o clube de várzea hoje ele traz vários problemas, assim, você não tem uma estrutura, tem que correr atrás de jogador, e jogador de várzea hoje quer dinheiro, a várzea está mais profissionalizada, muitos ex-jogadores tão na várzea, vem para a várzea e ganham, aí o moleque que está surgindo na várzea quer ganhar também. Os diretores dos times se queimaram, muitos times que não podiam trazer o jogador acabaram pagando para o jogador mais ou menos, aí ele se “autointitularizou” craque e hoje não tem mais amor ao time, não joga num time só, joga em vários. Para montar um time bom é complicado, é difícil conseguir um bom goleiro, nós temos três que não vale um, tem um que vai jogar para a gente e vamos ajudar ele, da uma cesta básica. Nós sabemos da necessidade e sempre que precisa nós tentamos ajudar.

(FR): A pandemia afetou o futebol de várzea?

(LV): De alguma forma sim, fechou, parou muito jogadores engordaram, molecada ficou cansada, mas quando começou a liberar eles voltaram, muitos times jogaram escondido, o famoso “escondidao”, nos campos escondidos onde não ia torcida, muito time viveu ali, mas afetou, a gente mesmo teve três senhor que morreu pra pandemias, são perdas importantes.

(FR): Você falou que muito jogador vive da várzea, se não tem jogo?

(LV): Ele parte pra outro, tem muito jogador que só vive da várzea, joga em três ou quatro time, joga sábado e domingo.

(FR): O que precisa acontecer pra melhorar a várzea em são Paulo?

(LV): Olha tem muito campo ainda que é de terrão, tem campo que precisa sim do governo, da prefeitura, do estado, o campo tem que ser cercado, o campo aberto é perigoso para o jogador e arbitragem, no profissional a pouco tempo o juiz levou aquela pancada, quase matou. Então no profissional no estádio que tem polícia aconteceu, imagina na várzea que tem um monte de cara correndo, é arriscado, eu gostaria muito que o governo estado sei lá, desse uma onde tivesse campo aberto fecha, cercar ele a grade da segurança, tem a torcida, as vezes algum dirigente nervoso.

(FR): Obrigado

Anexo A Autorização



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

AUTORIZAÇÃO

Eu FRANCISCO LUCIVAN DA SILVA
abaixo assinado(a), autorizo
fernando Mazarin Bakardinas, estudante de Geografia,
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, a utilizar as
informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Graduação
Individual, que tem como título
Futebol de várzea: o lugar da cultura em dois
tempos e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
Dr.(a.) Rodrigo Valverde

São paulo, 5 de Novembro de 2021.

Francisco L. da Silva
Assinatura do entrevistado